

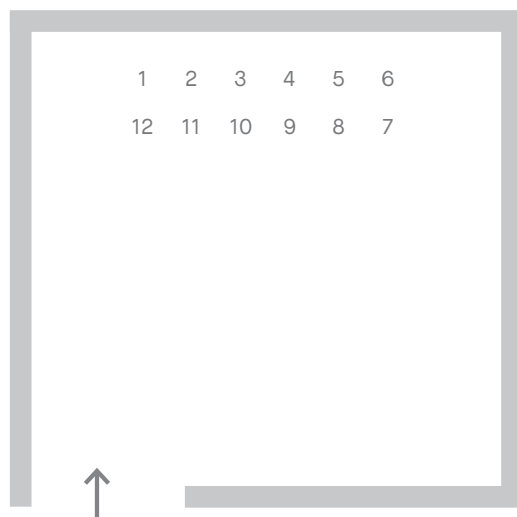
Fortes D'Aloia & Gabriel

www.fdag.com.br | info@fdag.com.br

Trilha

Iran do Espírito Santo

14 de setembro – 09 de novembro 2024
[September 14th – November 09th 2024]



Lista de obras [List of works]

1.

Construção, 2024

Aquarela sobre papel [Watercolor on paper]
76.7 x 57.1 cm [30.1 x 22.4 in]

2.

Transa, 2024

Aquarela sobre papel [Watercolor on paper]
76.7 x 57 cm [30.1 x 22.4 in]

3.

Falso Brilhante, 2024

Aquarela sobre papel [Watercolor on paper]
76.7 x 56.9 cm [30.1 x 22.4 in]

4.

Secos e Molhados, 2024

Aquarela sobre papel [Watercolor on paper]
76.9 x 57 cm [30.2 x 22.4 in]

5.

As Nove Bachianas Brasileiras - Vol 3, 2024

Aquarela sobre papel [Watercolor on paper]
76.8 x 57 cm [30.2 x 22.4 in]

6.

Caras e Bocas, 2024

Aquarela sobre papel [Watercolor on paper]
77 x 57.2 cm [30.3 x 22.5 in]

7.

Radio-Activity, 2024

Aquarela sobre papel [Watercolor on paper]
77 x 57.1 cm [30.3 x 22.4 in]

8.

Expresso 2222, 2024

Aquarela sobre papel [Watercolor on paper]
77 x 57 cm [30.3 x 22.4 in]

9.

Stop Making Sense, 2024

Aquarela sobre papel [Watercolor on paper]
76.7 x 57 cm [30.1 x 22.4 in]

10.

Fullgás, 2024

Aquarela sobre papel [Watercolor on paper]
76.6 x 56.9 cm [30.1 x 22.4 in]

11.

Depoimento do Poeta, 2024

Aquarela sobre papel [Watercolor on paper]
76.7 x 56.7 cm [30.1 x 22.3 in]

12.

Big Science, 2023

Aquarela sobre papel [Watercolor on paper]
76.5 x 57 cm [30.1 x 22.4 in]

Espectros Espectros

por Arto Lindsay

*Estou preto de amor
nem rapaz nem rouxinol
intacto como uma flor
anseio sem desejo*
P. Pasolini

Os discos eram chamados de bolachas. Também eram apelidados de *platters*, bandejas.

No caso das aquarelas do Iran, não foi o acompanhamento de um chá, mas sim a superfície tranquila de um lago que o levou a contemplar discos como objetos.

Daí foi tomado pelo poder dos discos de trazer memórias e de marcar momentos fortes pelos quais passamos. E assim escolheu os discos que pintou.

Os rótulos com os nomes do disco, do artista, dos compositores, seus códigos de direitos autorais e datas não são reproduzidos nas aquarelas.

A única coisa que identifica cada disco representado é a proporção das faixas. Até um DJ teria dificuldade em diferenciar um disco do outro.

Essas proporções lembram intervalos musicais. E colocar proporções em primeiro plano nos remete a outras tentativas de extrair alguma ordem geométrica do corpo humano.

Como os corpos, a aquarela tem desejos próprios e superfícies duvidosas. São tão fugidias como nós.

Discos são caixões abertos, cheios de pés batendo para marcar o tempo, e pulsos reproduzidos pelos instrumentos. Abstrações de gemidos. Tentativas de unir filosofia e graça.

Como sempre o que mais nos encanta são as relações entre estes elementos, os intervalos, o uso que pensamos fazer delas. Essa graça que teima em aparecer, apesar da repetição ou por causa dela.

Dizem que não temos memórias mas sim memórias de memórias. Os discos estão cheios de fantasmas, de vozes de cantores mortos, de dedilhados e sopros de músicos mortos. Os discos novos já anunciam as mortes de quem foi capturado ali.

Do preto se diz que ele é profundo, a cor do fundo do mar. E da sua superfície noturna.

O preto das aquarelas do Iran é atravessado por um reflexo de luz. Ele não sabia que um disco largado no sol vai envergar e deixar de tocar.

Discos são feitos de vinil, um subproduto do petróleo. Esse é o mesmo petróleo pelo qual matamos e que está nos matando.

Recentemente parece que os buracos negros são as metáforas mais acessíveis. Mas são as beiradas que realmente nos interessam, as chegadas e as consequências.

We stand around in the event horizon while our memories burn a hole in the sky.

A agulha chega no vinil e com ela gritos e sussurros.
Junto do canto do pássaro chega a distância.

Notas do autor:

Pasolini deixou um romance incompleto. Chamado de *Petrolíio*, pensei que acharia lá minha epígrafe. Mas foi num poema, *Narciso Dançando*, que achei o que precisava.

Enquanto escrevia estava escutando repetidamente *Power Flower*, de Stevie Wonder, do disco *The Secret Life of Plants*.

Existe um movimento contra a música gravada, a favor de que ela desapareça depois de acontecer.

Specters Specters

by Arto Lindsay

*I am black with love
neither boy nor nightingale
intact as a flower
I yearn without desire.*
P. P. Pasolini

Records were called *frisbees*. They were also dubbed platters.

In the case of Iran's watercolors, it was not the company of a cup of tea, but rather the tranquil surface of a lake that led him to look at records as objects.

From there he was overcome by the power of records to evoke memories and to punctuate powerful moments. And that is how he chose the records he painted.

The labels with the title, the artist's name, the composers, their copyright codes, and dates are not replicated in the watercolors.

The only thing that distinguishes each record is the proportion of the tracks. Even a DJ would have a hard time telling them apart.

These proportions resemble musical intervals. Placing proportions in the foreground takes us back to other attempts at extracting some geometric order from the human body.

Like bodies, watercolors have their desires and unreliable surfaces. They are as elusive as we are.

Records are open caskets, full of feet tapping to mark the tempo, and pulses reproduced by the instruments. Abstractions of moans. Attempts at combining philosophy and grace.

As always, what most delights us are the connections between these elements, the intervals, and the potential use of them—that grace that keeps appearing, despite repetition or because of it.

They say we don't have memories but memories of memories. Records are full of ghosts, the voices of dead singers, the strumming and blowing of dead musicians. The new records already announce the deaths of those captured there.

Black is said to be deep, the color of the seabed. And of its nocturnal surface.

The black in Iran's watercolors is permeated by a glimmer of light. He did not know that a record left out in the sun would warp and stop playing.

Records are made from vinyl, a by-product of oil. The same oil we kill for and that is killing us.

Recently it seems like black holes are the most accessible metaphors. But it is the edges that interest us, the approaches and the consequences.

We stand around in the event horizon while our memories burn a hole in the sky.

The needle hits the vinyl and along come cries and whispers.

Along with the bird's song comes distance.

Author's notes:

Pasolini left an unfinished novel called *Petrolito*. I thought I would find my epigraph there. But it was in a poem, *Narcissus Dancing*, that I found what I needed.

[Translator's note: the English version of the poem is that of Stephen Sartarelli, and can be found in *The Selected Poetry of Pier Paolo Pasolini: A Bilingual Edition*, The University of Chicago Press, 2014]

While I was writing, I was repeatedly listening to *Power Flower* by Stevie Wonder, from the album *The Secret Life of Plants*.

There is a movement against recorded music, in favor of it disappearing after it has happened.